

A CORROSÃO DO CARÁTER

Rosita C. de Loyola Hummel*

SENNETT, R. *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Tradução: Marcos Santarrita. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Como o próprio Sennett denomina, sua obra é um *ensaio-discussão* em que “recorri mais a fontes diversas e informais, incluindo dados econômicos, narrativas históricas e teorias sociais.” (p. 11) Os capítulos do livro são iniciados com descrição de experiências de vida, que seriam suas fontes informais; servem esses casos de ponto de partida para a análise de transformações ocorridas no capitalismo na segunda metade do século XX. Dados econômicos, assim como referências a teorias sociais, amparam o estudo do autor; são oito capítulos que compõem o livro além de um apêndice com tabelas e gráficos (a colocação das tabelas e gráficos no final do livro não facilita a leitura). Sennett encaminha seu trabalho até o último capítulo, onde justifica o título do livro: a sensação de fracasso, a constante incerteza e as mudanças rápidas corroem não só o trabalhador, mas o seu caráter, a família e mesmo suas perspectivas de vida.

A questão do capitalismo flexível, introduzida pelo autor no Prefácio do livro, é o pressuposto mais importante para a compreensão do texto e tem sido desenvolvido por Sennett em outros trabalhos. Para que se compreenda o significado de capitalismo flexível, deve-se partir das características adotadas pelo sistema nas últimas décadas do século XX, que, de acordo com o autor, contrapõem-se àquelas das décadas anteriores.

São identificados assim, três pontos importantes para essa análise: a reinvenção contínua das instituições; a especialização flexível da produção; e a concentração do poder sem centralização (ver também SALAVISA, 2001).

* Mestre em História Social pela Universidade Federal do Paraná; Professora da PUC-Paraná.

Criticando os defensores do novo sistema de trabalho no capitalismo flexível, que enaltecem a maior democratização das organizações, Sennett denuncia um controle ainda mais imediato de poder nas instituições que substituíram a pirâmide do poder weberiana por um círculo em que o centro de decisões é ainda mais restrito e fechado. A descrição de burocracia racional de Max Weber, à qual o autor se refere, evidenciava a expansão de postos de trabalho na razão inversa da expansão de postos de comando, assim como só um regime estrito de controle seria eficaz na coordenação de uma estrutura gigantesca; segundo o autor do livro, a recompensa do trabalho nessa hierarquia weberiana, identificada por ele em empresas como a IBM na década de 1960, seria individual, cada um faria sua parte na construção do trabalho coletivo. Acrescenta ainda que a nova estrutura das instituições destrói a prática de funções fixas e as substitui pela competição interna de grupos de trabalhos que devem ser melhores e mais rápidos em resposta às demandas do mercado.

Essa reinvenção contínua das instituições em que há perda de controle das funções a serem realizadas leva também a uma perda, conforme Sennett, da noção de tempo linear não só na realização de trabalhos determinados como também na perspectiva de realização pessoal a longo prazo e de sonhos individuais e familiares.

A teoria weberiana, constantemente utilizada por Sennett como amparo teórico para suas observações, “consiste na organização da vida, por divisão e coordenação das diversas atividades, com base em um estudo preciso das relações entre os homens, com seus instrumentos e seu meio, com vistas à maior eficácia e rendimento.” (FREUND, 1987; p. 19)

Assim, o que incomoda Sennett nessa reinvenção flexível (definida por ele como capaz de dobrar o homem sem dar-lhe condições de voltar à forma anterior) é justamente a perda da noção linear e precisa de organização do trabalho e da vida, identificada por Weber como característica da ética racional calvinista.

A especialização flexível da produção não se detém somente na diversificação de produtos, mas na de tarefas numa rede mais frouxa de obrigações e compromissos e de decisões mais rápidas. Essa característica interfere diretamente na questão do tempo; são todas tarefas a curto prazo que corroem a fidelidade, a confiança e o compromisso do homem não só com a empresa, mas com a família e a comunidade; essas seriam virtudes construídas a longo prazo.

Quando Sennett se refere a essa perda de noção linear do tempo, há que se verificar que, quando se apontam as características da sociedade contemporânea na literatura sobre a pós-modernidade, a ruptura da noção de tempo e espaço aparece como reflexo não só da dinâmica imposta pelo novo modelo de trabalho como da própria expressão da cultura mediática.

E, finalmente, a questão da descentralização do poder: as tarefas realizadas em pequenos grupos, e que supostamente levariam a uma maior distribuição do poder de decisão, não estariam de maneira alguma alterando o centro das decisões mas, com certeza, das responsabilidades e das cobranças de trabalho pelos líderes de grupos em sistemas em que os meios tecnológicos de informação facilitariam o processo.

As contínuas transformações que se verificam como obrigatórias na visão contemporânea do mundo dos negócios incluem não só a vida nos grandes centros mundiais das decisões, mas chegam a todos os cantos do globo como resultado da expansão do capitalismo flexível em tempo e espaço; pode-se dizer, além do exposto por Sennett, que economia e cultura popular são tratadas da mesma forma pelo sistema, que não esbarra mais em paredes, fronteiras e espaços de convivência e lazer.

Acrescente-se ainda a definição da forma linear de comunicação (emissor-mensagem-receptor) substituída pela noção de comunicação em rede, que corrobora a idéia de indefinição de espaço e tempo e que serve de amparo aos controles não definidores de tomada de decisão.

O dia-a-dia de padeiros gregos e italianos em Boston, durante a década de 1970, e a vida atual do filho de um deles, assim como uma pequena empresária de Nova York que experimenta as duas etapas ou aspectos do sistema capitalista, constitui o ponto de partida do estudo de Sennett; uma análise que parte da história de vida desses personagens e das marcas profundas que o sistema deixa no homem comum.

Assim, nos capítulos iniciais, o autor contrapõe a rotina e a flexibilidade como pontos definidores do trabalho nas duas formas do capitalismo, tomando virtudes de um e outro modelo e autores como Diderot e Adam Smith.

As tarefas realizadas através de programas de computador, mesmo na padaria de Boston, revisitada por Sennett vinte e cinco anos depois do estudo feito na década de 1970, tornam o trabalho uma tarefa ilegível; segundo Sennett: “Por um terrível paradoxo quando diminuimos a dificulda-

de e a resistência, criamos as condições mesmas para atividade acrítica e indiferente por parte dos usuários.” (p. 84)

Palavras como risco e desafio passam a fazer parte da vida e do vocabulário da nova classe trabalhadora e, por consequência, ambigüidade e incerteza da sua vida; o tempo linear e o uso racional do tempo eram características que marcavam a narrativa de vida que fazia sentido para os antigos imigrantes da vizinhança da padaria de Boston.

No sexto capítulo, referindo-se novamente a Weber e a conceitos como trabalho individual e disciplina ascética, Sennett enfatiza as perdas trazidas pelo capitalismo flexível; “É o homem motivado, decidido a provar seu valor moral pelo trabalho” (p. 125) que evidencia as virtudes do sistema anterior; a idéia do trabalho em grupo e solidário, que, conforme Sennett, só acontece de forma superficial no capitalismo flexível, não envolve o trabalhador e não é capaz de formar o seu caráter.

Existe ainda a questão do fracasso, que, na forma de perda de emprego, passa a ser a *tragédia súbita* que desorganiza a vida das famílias de classe média e a auto-estima do trabalhador; assim: “O fracasso não é mais a perspectiva normal apenas dos muitos pobres e desprivilegiados; tornou-se mais conhecido como um fato regular nas vidas da classe média.” (p. 141)

O autor encerra seu livro ligando os pontos de corrosão do caráter do trabalhador no capitalismo flexível à perda do senso de comunidade; e são estes os aspectos que devem ser resgatados: o caráter do homem construído pelo trabalho e a fidelidade à comunidade.

A noção de comunidade usada por Sennett refere-se ao sentido de vizinhança das cidades norte-americanas e do compartilhar de problemas, alegrias e dores; ainda que mantendo a ética da recompensa do trabalho individual e contínuo. Essa noção está sendo substituída pela de comunidade virtual, que, de maneira alguma, forma o caráter e reforça o sentido real da vida em comunidade.

A leitura do livro de Sennett não desperta certezas nem pretende levantar posições teóricas, mas certamente questiona as transformações recentes que envolvem a todos numa rede flexível e incerta, em que o caráter não constitui a linha norteadora da vida e do trabalho.

Referências

FREUND, J. *Sociologia de Max Weber*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

SALAVISA, I. *O outro rosto da flexibilidade*. Disponível em: <<http://jornal.publico.pt/2001/04/23/SupEconomia/TESAIDAS.HTML#topo>> Acesso em: 28 maio 2001.

SENNETT, R. *Nós urbanos*. Tradução: Wanda Caldeira Brandt. Disponível em: <http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-02-25/mat_28554.htm> Acesso em: 28 maio 2001.

STRINATI, D. *Cultura popular: uma introdução*. São Paulo: Hedra, 1999.